

# A PRIORIDADE DE UMA ONTOLOGIA FUNDAMENTAL DO SER-MÉDICO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA ÉTICA MÉDICA\*

The priority of a fundamental ontology of the being-physician: a contribution to medical ethics

João Cardoso de Castro<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Docente de Filosofia e Bioética em Cursos de Graduação do Unifeso e Coordenador da Editora Unifeso. Doutor em Bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva - UFRJ, com período sanduíche [CAPES] na DePaul University (Chicago).

## Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o *sentido* (*Sinn*) da ocupação médica. Através de uma estrutura de abordagem baseada na *ontologia fundamental* de Martin Heidegger, procuramos estabelecer os critérios para uma justa apropriação do sentido da ocupação médica, bem como contribuir para o campo da Bioética, enquanto disciplina, instaurando uma nova perspectiva para a Ética médica. Entendemos que a Bioética se assenta sobre uma determinada interpretação do ente, inteiramente herdeira da metafísica da Modernidade e que este entendimento amputado da experiência humana tem suas consequências para a ética médica. Isto posto, convidamos o leitor a um pensar que seja capaz de considerar a *praxis* do médico de um modo mais integral, a proposta de um novo paradigma para se acessar e se pensar as indagações da Bioética sobre o *ser-médico*.

**Palavras-chaves:** Ética. Ética Médica. Ontologia. Ontologia Fundamental. Heidegger.

## Abstract

This article aims to discuss the meaning (*Sinn*) of medical occupation. Through a framework of approach based on the fundamental ontology of Martin Heidegger, we seek to establish the criteria for a fair appropriation of the meaning of the medical occupation, as well as to contribute to the bioethical field as a discipline, instituting a new perspective for medical ethics. We understand that Bioethics rests on a particular interpretation of the entity, entirely inherited from the metaphysics of Modernity and that this amputated understanding of human experience has its consequences for medical ethics. That said, we invite the reader to a thinking that is able to consider the *praxis* of the physician in a more holistic way, the proposal of a new paradigm to access and think the questions of Bioethics about the medical being.

**Keywords:** Ethics. Medical Ethics. Ontology. Fundamental Ontology. Heidegger.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é discutir uma questão: qual o sentido de *ser* médico? Nossa investigação é inteiramente herdeira de uma leitura da fenomenologia do filósofo alemão Martin Heidegger e sua *ontologia fundamental*, que nos servem como guias neste exercício do pensar. Na esteira desta investigação, se encontra algo maior, qual seja: a possibilidade de uma abordagem inteiramente nova sobre a

*praxis*<sup>1</sup> médica e, conseqüentemente, um convite para a reflexão dos alicerces fundantes da disciplina que se impõe, cada vez mais intensamente, como arena destas discussões, a saber: a Bioética.

\* texto publicado originalmente, em língua inglesa, no livro "A (de)formação científica do médico". Ver em: <http://www.unifeso.edu.br/editora/pdf/0ad3cfffca995d82224c4664969dc6d9.pdf>

<sup>1</sup> *Praxis* em seu sentido original grego de atividade que reúne indivíduos a outros indivíduos no compartilhar palavras e atos que concernem seu ser-em-reunião, e no exercício de todas as virtudes que este compartilhar supõe: temperança, coragem, justiça e, principalmente, prudência (*phronesis*) (TAMINIAUX, 1995, p. 150).

Este trabalho parte de certas premissas fundamentais. A primeira delas, nem tão polêmica, a ideia de que vivemos uma crise<sup>2</sup> ética que sacode a humanidade na atualidade, espraiando-se, evidentemente, também pela profissão médica. A segunda, esta sim mais decisiva, a constatação da impotência do "consagrado" discurso bioético face aos abalos causados pela crise mencionada. Assim, cabe mais que nunca nosso convite a pensar novas perspectivas para discutir a *praxis* médica, ainda que grande parte desta caminhada se limite "apenas" a discutir as condições de possibilidade desta questão, a saber, a resposta à questão do *sentido-de-ser-médico*?

Entre outros desdobramentos, e de forma bastante pontual, podemos dizer que, ao contrário de pensar especificamente os atos e fatos nos quais este profissional se insere, produzindo um sem número de regras e receitas para cada uma das situações polêmicas vivenciadas, bem como projetando possíveis dilemas e conflitos, nossa intenção é esmiuçar o que significa um questionamento deste gênero e, neste processo, tornar claro o sentido desta "ocupação" (*Besorgen*<sup>3</sup>). Em seu ensaio "A Virada" (*Die Kehre*, GA79; traduzido em inglês na coletânea *The Question Concerning Technology and Other Essays*, 1977), Heidegger ilustra com clareza aquilo que queremos dizer ao afirmar que antes da urgente questão sobre "como agir?", é preciso ponderar "como devemos pensar?". Assim, este ensaio se pretende como um apontamento, tão somente.

## SOBRE A ATUAL ABORDAGEM BIOÉTICA

A história do pensamento consagra a *metafísica* como a disciplina que procura compreender aquilo que está "além" (*meta*) do físico, ou seja, que transcende a natureza material das coisas. Para Heidegger, *metafísica* tem um sentido particular e cujo significado só se torna claro no contexto de toda sua filosofia. Tomado de um modo bastante simplificado, trata-se de um *modo* de determinar o ente. Assim, segundo Heidegger (2002a, p. 97), a metafísica funda uma era, na medida em que serve de fundamento para a forma que compreendemos, interpretamos e caracterizamos os entes, ou seja, nos princípios que sustenta por sob todos os fenômenos que distinguem esta era. Este fundamento metafísico, segundo ele, apoia-se em dois pilares, nem sempre explícitos: uma determinada interpretação do ente e uma determinada concepção da verdade.

Sendo a Bioética uma disciplina originária do esforço de comunhão das Biociências com a Ética, e esta por sua vez fundamentada na metafísica da *Modernidade*, os entes a que se referem a Ética, e em maior especialização a Bioética, são dados, e assim fixados, por uma interpretação da *Razão Moderna* do que seja "ser humano", "sujeito", "objeto", "outro" etc. Conseqüentemente, uma determinada concepção de verdade, de sentido, de valor, de excelência, vai permear a Ética e suas filiações, como a Bioética. Muita reflexão e tinta se verteu tendo estes pressupostos como alicerce conceitual.

A mencionada "*Razão Moderna*", neste trabalho, não deve ser entendida como uma entidade, ou uma espécie de "*Big Brother*" orweliano supervisionando e determinando toda mentalidade de uma era. Trata-se, com efeito, de um pequeno deslocamento, porém de grandes repercussões no próprio "se ver humano", em resposta a uma indagação surgida desde a Idade Média, porém, muito excitada na Renascença: o que é o sujeito? Ou, ainda mais especificamente, o que é o agente do pensar e do agir humano? (DE LIBERA, 2013). A resposta consagrada, desde então, veio através de Descartes e seu famoso dualismo mente-corpo, *res cogitans* e *res extensa*. As correntes éticas e, por conseguinte, bioéticas, tem como fundamento esta mesma leitura e interpretação do que significa "ser" humano.

A razão (tanto o grego *noûs*, quanto o *logos*, inteligência e linguagem) adquire sua credencial de "moderna" e doravante rege todas as relações humanas, seja do indivíduo consigo mesmo, com

<sup>2</sup> Em nossa perspectiva o aguçamento da crise se dá na incessante perseguição do lema imposto por Descartes, "ser mestre e possuidor da natureza". Nesta marcha, a técnica moderna se faz mais e mais "des-encobrimento explorador", a ciência mais e mais instrumentalizada e subserviente à técnica, sua serva para endossar este propósito explorador. Não há acesso, nem visibilidade e nem mais alcance ao *êthos* do homem, a seu caráter originário, nesta projeção açodada e incontrolável para satisfação plena dos desejos do homem moderno de mais e mais densidade tecnológica em seu "meio artificial".

<sup>3</sup> Termo chave em *Ser e Tempo* (2008) que reafirma a significância de qualquer atividade humana exatamente no fazimento e na prática que exercita. Em termos mais simples, o "ser" humano é, ao mesmo tempo, o que faz (HEIDEGGER, 1985, p. 244), ao que ainda aditaríamos: **em que faz, com que faz, como faz e porque faz.**

outros indivíduos e com as coisas. A razão, ou a mente, é agora o fundamento do sujeito pensante, falante e agente. Tudo agora é regulado sob a égide de um novo paradigma, denominado comumente “relação sujeito-objeto”. Esta proposição não foi somente um impulso e tanto para a ciência moderna emergente à mesma época, mas um divisor de águas para o “ser humano”, agora mais que nunca considerado em seu aspecto humano, corporal, como sede de uma mente, de onde um sujeito pensa, fala e age, autonomamente, em relação aos objetos do mundo.

Não há dúvida que o “ser humano” é o foco da Ética e mais especificamente da Bioética. A questão que se impõe, portanto, é que desde o auge da Modernidade, a questão central em toda antropologia - “o que é ser humano?” [*Was ist der Mensch?*] - jamais teve sua formulação abalada nem em seus termos, nem nas respostas dadas desde Kant. Como afirma *Le Dictionnaire Martin Heidegger* (2013, p. 450): “o ser humano é certamente um ente, [...] um ente entre outros, as coisas, as pedras, as plantas, os animais, mas também os astros e os deuses” e deste modo é reconhecido pela *metafísica* da Modernidade sobre a qual se desdobraram incontáveis reflexões e consignações em todos os campos de pensamento e ação.

O que Heidegger nos permite compreender é que o qualificador “humano” (do conceito *ser-humano*, *Mensch*), em grande parte confundido exclusivamente com sua presença corporal, ofuscou por completo o “ser” na constituição e na instituição definitiva da *Razão Moderna*. Heidegger indica que este “esquecimento”<sup>4</sup> (*Vergessenheit*) tem sua origem ainda entre os gregos, se agravando por toda a história da filosofia, onde a ideia de ser, sobre a qual se baseia até mesmo a *Metafísica*, enquanto disciplina, jamais é posta em questão, não constituindo, portanto, assunto de interrogação.

O que se fez, portanto, foi sobrepor camadas e camadas de notações e conotações ao entendimento do “ser” humano, a ponto de a Ética, e a Bioética que em particular nos interessa, passar a se referir e lidar com vestimentas deste “ser”, estabelecendo mais sua ornamentação do que o essencial, enquanto “ser” humano. É neste espírito de investigação que situamos nosso horizonte de reflexão naquilo que foi esquecido, e é imprescindível à Ética e especialmente à Bioética: o sentido de *ser-ético*.

O imperativo de uma *ontologia fundamental* para a *Bioética* se faz ainda mais exigente posto que ela guarda - desde seu surgimento nos anos 1960 - a pretensão de influenciar sobremaneira o *agir* médico. Segundo uma de suas definições, distinguem-se cinco eixos de trabalho da *Bioética*: análise de caso, solução de dilemas morais; elaboração de grades de análise ou de processos de tomada de decisão; estabelecimento de princípios diretores para uma instituição e protocolos de intervenção; reflexão teórica sobre os princípios e os valores em jogo; análise dos fundamentos da *Bioética* e, por conseguinte, da ética ela mesma (DURAND, 1990, p. 874). Neste sentido, este trabalho se situa neste último eixo de trabalho da *Bioética* e - para evitar uma investigação de natureza puramente filosófica, que até caberia neste eixo - nos propomos projetar a partir dele e sobre ele mesmo, uma questão diretora específica: o questão *sentido-de-ser-médico*.

Com Heidegger, encontramos a abertura para um “novo” direcionamento, um encaminhamento que não busque, no afã de produzir suas receitas, “pendurar” no homem um conjunto de propriedades como animal racional; sujeito pensante; “coisa” que pensa; ou “indicadores de humanidade” (SINGER, 2000). Heidegger nos alerta que atribuir “propriedades” ao homem é entendê-lo como um *Vohandenheit*, termo que o alemão utilizou para se referir às entidades cujo o seu próprio *ser* não lhes é uma questão (plantas, edificações etc.). Isto não significa, no entanto, que a pretensão heideggeriana é tornar o homem o centro<sup>5</sup> de toda reflexão, pois isso fomentaria ainda mais para a percepção hegemônica, que ganhou força com Bacon e Descartes, do homem como *mestre e senhor da natureza*. Muito pelo contrário: para Heidegger, existem entidades para as quais o seu

<sup>4</sup> Segundo Safranski (1998, p. 188): “o prólogo queixa-se contra um duplo esquecimento do ser. Esquecemos o que é ser e também esquecemos esse esquecer. E assim trata-se de renovar a indagação pelo sentido do ser; mas como esquecemos o esquecer, trata-se sobretudo de despertar de novo a compreensão para o sentido dessa pergunta.”

<sup>5</sup> Segundo o próprio Heidegger, *Ser e Tempo* é precisamente um esforço para desalojar o ser humano deste lugar central: “Que Ser e Tempo visa pôr seriamente de lado o ser humano e sua primazia, para conceder ao ser sua dignidade em toda amplitude de seu átrio, que com o Da-sein, não é somente a subjetividade do ser humano, mas o conjunto do papel desempenhado pelo ser humano que seja abalado — se acabará certamente por reconhecê-lo um dia.” (GA67 90)

*ser* é uma questão (2008, p. 27), à este "modo de ser" Heidegger utiliza o alemão *Dasein*, em geral não traduzido ou traduzido como *ser-aí*, *aí-ser* ou *ser-o-aí*. A primazia do *ser-aí* está no fato de que somente através de uma investigação analítica deste conceito, seremos capazes de refletir sobre a questão do *sentido-do-ser*. Assim, o *ser-aí*, e não o homem, é, para Heidegger, a entidade capaz de dar acesso a questão do *sentido-do-ser* e seus possíveis desdobramentos (*ibid.*, 36).

## SOBRE AS CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DA QUESTÃO

Colocadas estas noções preliminares, sobretudo concernentes ao contexto onde nossa questão se movimenta, creio que seja oportuno refletir sobre o estatuto de nossa "questão". Assim, o faremos tanto de maneira geral, quanto na maneira específica que ela se apresenta neste trabalho e, para isso, recorreremos ao §2 de *Ser e Tempo* (2008, p. 40-44). Uma análise fenomenológica do questionar indica primeiro tratar-se de uma "busca" que "retira do que se busca a sua direção prévia. Questionar é buscar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é." (*ibid.*, p. 40). Sendo o próprio questionar, um "buscar conhecimento", ou seja, um buscar que, o que busca em última instância, é "conhecer" algo. Ao mesmo tempo, o que se busca conhecer é sempre algo relativo a um ente, quer dizer, a algo que "é". O que há de mais digno a ser pensado (*das fragwürdigste*).

Heidegger indica que, daí emerge, quase que instantaneamente, uma tripla dimensão no questionamento, ou como Thomas Sheehan (2015, p. 13) denomina, "três momentos": (1) enquanto comportamento intencional de um ser humano, toda questão é a investigação de alguma coisa, ela se inquire *de* algo. Assim sendo, podemos afirmar que uma questão não cai do céu, mas é motivada ou desencadeada por um *campo* ou *assunto* (*Befragte* = o assunto), uma "coisa (algo) sob investigação". Por outro lado, (2) a questão estabelece um domínio de onde se interroga (*Gefragte* = o foco), a "lente" com a qual se inquire. Como terceira e última dimensão, (3) o demandado (*Erfragte* = o objetivo final), uma indicação formal da resposta que o inquiridor espera obter a partir do "assunto" (*Gefragte*) e do "foco" (*Befragte*). Ou seja, é somente pelo concreto efetuar do questionamento, pela experiência viva da questão, que se desdobra a partir de um determinado "ponto de vista", sobre um determinado assunto, que podemos alcançar sua meta, seu resultado. Em nossa questão - *o sentido-de-ser-médico?* - podemos encontrar esses três momentos.

*A unicidade do Befragte, Gefragte e Erfragte*

Ao nível do *assunto* (*Befragte*), o posto em questão, temos prévio a sua consideração uma advertência importante, já levantada por Platão no *Sofista* (242c): não "contar estórias" concernentes ao *ser*, ou dito de outro modo, não confundir uma "ontogenia", explicação genética-genealógica de um ente a partir de um outro ente, com uma "ontologia", quer dizer a determinação conceitual do ser de um ente. Em nosso caso específico, não se deve buscar determinar conceitualmente o **sentido-de-ser** disto que investigamos a partir do que seja um profissional de saúde *ideal*, ou mais genericamente de uma ideal qualquer de profissional. Nossa questão é uma busca através do caminho da ontologia, como disposto em *Ser e Tempo* (2008, p. 47), isso significa que esta aproximação se pretende uma *ontologia fundamental*<sup>6</sup>, a de *ser-médico*.

Isso significa que o nosso "posto em questão" não pode se reduzir ao médico enquanto um humano qualificado pela especialização profissional em medicina. Já deve estar claro pelo que já expomos que o *ser-médico* é "muito mais", embora só possa ser este "muito mais" que visamos, a partir da "presença" (tradução brasileira de *Dasein*) de *ser-médico*. Isto porque o *ser-médico* é aquilo "em que" o *aí-ser-médico* aparece, "com que" o *aí-ser-médico* se reconhece, "de que" o *aí-ser-médico* é, em última instância, feito.

Esta abertura em que *ser-médico* se dá, o *ser-aí-médico*, tem sua constituição fundamental na unicidade do fenômeno *ser-no-mundo-médico* (HEIDEGGER, 2008, p. 98). Ou seja, em uma "clareira" (*Lichtung*) de "coloração ou qualificação médica", onde médico *é*, outras "presenças" *são* (como pacientes, outros profissionais de saúde, familiares dos pacientes, pessoal administrativo) e

<sup>6</sup> Segundo Casanova (2009, p.79), "Ontologia fundamental não significa aqui superontologia, mas aponta muito mais para a compreensão da necessidade de se perguntar antes de mais nada pela possibilidade mesma da ontologia."

instrumentos e materiais diversos são, no modo de *ser-à-mão* (*Zuhandensein*) e de *ser-simplesmente-dado* (*Vorhandensein*). O *ai-ser-médico* caracteriza-se também por modos de ocupação (*ibid.*, p. 121) “médica” na cotidianidade de *ser-em-o-mundo-médico*, que permitem o encontro com os entes de que se ocupa (outras presenças, instrumentos e materiais) de tal maneira que apareça a determinação mundana destes entes intramundanos. Na interpretação destes entes, surgindo na “clareira”, o mundo-médico já é sempre “pressuposto”. Embora o “mundo” não resulte da reunião deste entes como uma simples soma. Parafraseando Heidegger (*ibid.*), podemos dizer: o mundo médico ele mesmo não é um ente intramundano, embora o determine de tal modo que, ao ser descoberto e encontrado em seu ser, o ente intramundano (outras presenças, instrumentos e materiais) só possa mostrar-se porque mundo médico “se dá”.

Os modos de ocupação que caracterizam especificamente o *ser-ai-médico* são diversificados e inúmeros. Os atos e fatos médicos em que se apresentam são estudados e metodizados pela arte médica, e muitas vezes normatizados pela ética médica. Nosso objetivo neste trabalho não é investigá-los visando aperfeiçoá-los enquanto tal, mas examinar tão à montante quanto possível sua constituição e instituição. Mais ainda, se possível, considerar sua genealogia nas deformações evidentes que deles fizeram o objeto por excelência da medicina, ao invés do reconhecimento da riqueza inesgotável do que se dá na abertura do *ser-ai-médico*. Desde o pensamento grego, passando pela pensamento medieval até alcançar o pensamento moderno, é possível evidenciar uma distorção na genealogia da noção de *ser* humano que necessita ser retomada a partir de uma ontologia fundamental, como essa que pretendemos nos valer guiando nesta caminhada.

Quanto ao *foco* (*Gefragte*), em nossa questão aquilo ou aquele a quem se quer obter a informação, o *interrogado*, requer identificação e acesso ao ente que seja o mais suscetível de nos conceder o *sentido-do-ser-médico*. Há um ente exemplar que possui certa primazia para a elaboração da questão do sentido do ser, que Heidegger nos oferece para aplicarmos enquanto nosso interrogado. Ou seja, Heidegger nos indica em que porta bater para encontrar uma resposta à questão do sentido do ser. Trata-se, portanto, de “tornar transparente um ente — aquele que questiona — em seu ser” (*ibid.*, p. 42). Este ente, aquele que se põe justamente a questão para si mesmo, em todas as situações que vivencia, em que é requisitado a *ser-médico*, é nosso interrogado. Não o homem, a pessoa, mas como Heidegger prefere chamar para lhe conferir toda a amplitude devida, *ser-ai*, em nosso caso o *ser-ai-médico*.

Assim, a questão deve mover-se dentro desta circunferência criada pelo *ser-ai-médico*. Mas o que é esse *ser-ai-médico*? Só pode significar o *ser-ai* em uma ocupação (*Besorgen*), em um *fazimento*. Você é, o que você faz<sup>7</sup>, segundo Heidegger. E o que um médico faz? Seu “fazimento” é, desde a Grécia Antiga, uma arte/técnica. No entanto, a técnica moderna nada ou pouco tem a ver com aquela expressa na noção de *techne* grega. Segundo Heidegger (2012, p. 21), a *techne* grega era a primeira forma de des-velamento (*aletheuein*). Platão situou a medicina entre as *technai* (artes), no *Górgias*.

Entretanto, na aurora da Modernidade, aquela medicina enquanto *techne* entre as *technai*, exemplar como primeiro nível de desvelamento (*aletheuein*) para a própria filosofia grega, vem a ser abalada por uma mudança fundamental de paradigma, o “nascimento do sujeito”, na “morte do homem”, como mencionada por Foucault (1992) em seu clássico *As palavras e as coisas*. Esta mesma mudança leva à antiga *techne*, enquanto modo de des-encobrimento a se tornar “técnica moderna”, um modo de des-encobrimento explorador, que interpela à natureza para que esta se re-vele e se disponha enquanto recurso. Um modo de des-encobrimento explorador que responde à dualidade mente-corpo doravante imposta pelo pensamento cartesiano, que na distinção entre *res cogitans* e *res extensas*, promove ainda mais a separação e distanciamento entre o homem e seu meio.

Logo, discutir o *ser-ai-médico* é compreender, também, sobre esse processo de (de)formação do *iatrike* antigo no médico moderno, examinado diferentes aspectos, como: o horizonte amputado de interpretação do homem no interior da “metafísica da representação”, que caracteriza a Modernidade; a natureza específica da (de)formação do médico; a normatização da Ética e da

<sup>7</sup> Na tradução de Castilho (2012, p. 663): “O Dasein [ser-ai] cotidiano se entende, porém, de pronto e no mais das vezes a partir daquilo de que costuma se ocupar. “A-gente é” o que a-gente faz.

Bioética, no abandono do ser. Não há espaço neste ensaio para um empreendimento desta magnitude. De toda maneira, o esforço colocado em curso aqui contribui, assim esperamos, para uma abordagem sobre a ética médica e avançar na proposta de uma *paideia* para profissionais de saúde, construída a partir da *questão do sentido de ser médico*, conforme elaborada pelo pensamento de Heidegger sobre o *ser-aí* e seus desdobramentos ontológicos.

A terceira dimensão da questão, o *perguntado* ou *demandado* (*Erfragte*), aquele aspecto preciso ao qual a questão vai orientar-se, aquilo em que a questão alcança sua meta. Ou seja, aquilo que efetivamente se busca na questão do *sentido-de-ser-médico*, aquilo a que ela quer alcançar, em nosso caso, o horizonte onde o *ser-aí-médico*, especificamente nesta ocupação, deve ser compreendido: o *êthos*<sup>8</sup>. O *êthos* (com eta inicial) designa a morada do ser. Segundo McNeill (2006, p.153), o sentido mais original do termo *êthos*, portanto, ainda mais ancestral do que seus derivados "ético" e "ética", é o de residir, habitar, morar. Desta forma, a terceira dimensão de nossa questão deve se desdobrar sobre o horizonte "aberto" pelo *êthos*. Como nos indica Lima Vaz (2000, p. 13), "o domínio da *physis* [...] é rompido pela abertura do espaço humano do *êthos* no qual irão inscrever-se os costumes [...]". Face às dimensões da questão do *sentido-do-ser-médico*, o nosso *Erfragte* é, portanto, esta "morada do ser", expressão que segundo o próprio Heidegger (1998, p. 218) melhor traduz o grego *êthos*. Enquanto "morada", lugar central do ser, vigente na própria expressão hifenizada, o *êthos*, nosso *demandado*, é o átrio da possibilidade única de *ser-si-mesmo*, ou, dito de outro modo, do *aí-ser autêntico*.

O uso de hífen pretende dar a conotação de uma unidade questionada: "sentido-do-ser-médico". Note-se também o uso da palavra "sentido", seguindo de perto Heidegger, que a entende como aquilo a partir de que algo é compreensível como aquilo que é. Ao se questionar sobre o *sentido-de-ser*, a investigação não medita nem ruma sobre alguma coisa que estivesse "no fundo" do ser. Ela pergunta sobre ele mesmo na medida em que ele se dá dentro da compreensibilidade da *presença*. O *sentido-de-ser* jamais pode contrapor-se ao ente ou ao ser enquanto "fundamento" de sustentação de um ente, porque o "fundamento" só é acessível como *sentido*, mesmo que em si mesmo seja o abismo de uma falta de sentido. (HEIDEGGER, 2008, p. 213). Assim, a questão alcança sua meta na medida em que compreende que o *sentido-de-ser-médico* se esclarece somente no seu *fazimento*. O *fazimento* (*Besorgen*), por sua vez, como ocupação autêntica de um determinado *ser-aí*, na medida em que se põe à escuta, ou como Zimmerman (1982, p. xxiii) define, quando "atende ao chamado da consciência que o convoca a ser o que ele já é", enquanto abertura, situação ou clareira do *ser* (finita) temporal. Para Zimmerman (*ibid*), "resolvendo aceitar sua mortalidade, o indivíduo pára a auto-objetificação egoísta que o impediu de ser aberto a suas possibilidades".

<sup>8</sup> O termo em português *etos* nasce da transliteração latina de dois vocábulos gregos que se colocam como os dois pilares de sustentação do domínio da ética: *êthos* (com eta inicial) e *éthos* (com epsilon inicial).

## CONSIDERAÇÕES E DESDOBRAMENTOS SOBRE A QUESTÃO

Assim, na formulação proposta de nossa questão-motora, evidencia-se a necessidade de se buscar este ente, o médico, naquilo que ele é e como ele é, enquanto duas facetas de uma mesma moeda que caracterizamos como *ser-médico*. Vale ressaltar que quando dissemos “*sentido-do-ser-médico*”, como uma unidade, o questionado (*Befragte*), estamos evidenciando uma tensão onde *ser* concilia *sentido-do-ser* e *ser-médico*. O *sentido-do-ser* move-se sempre numa compreensão de *ser* à nossa disposição, justamente de onde “brota a questão explícita do *sentido-do-ser* e a tendência para o seu conceito” (p. 2008, 41). E, o *ser-médico* só pode ser o que é em um “todo medical” que sempre pertence ao seu ser (*ibid.*, p. 116). O *sentido-do-ser-médico* na base de nosso questionamento não deve nos conduzir a devaneios ou rumações sobre algo que se encontre subjacente ou sobrejacente ao *ser-médico*, à doação da experiência de “medicar”. Razão pela qual mencionamos e pretendemos pensar o “sentido” (*Sinn*<sup>9</sup>), a *verdade* do *ser-médico*, enquanto *aí-ser* que se re-vela, des-encobre, enquanto acontecimento apropriador (*Ereignis*) em um “medicar”. Aqui fica clara, mais uma vez, a necessidade de superação do paradigma sujeito-objeto. O **sentido-do-ser-médico**, que tanto buscamos, não se esclarece numa investigação sobre o médico, aquele sujeito capaz de exercer a medicina, mas sim num todo que explica, dialeticamente, este indivíduo, o todo e sua ocupação (*Besorgen*) de médico. “Sentido”, portanto, é o termo escolhido por sua carga de conotação experiencial, e não o termo “significado”, que tem forte peso cognitivo, em detrimento da carga vivencial do termo “sentido”.

*A questão sobre o sentido do ser é a mais universal e a mais vazia; entretanto, ela abriga igualmente a possibilidade de sua mais aguda singularização em cada presença [Dasein]. É necessário um fio condutor concreto a fim de se obter o conceito fundamental de "ser" e de se delinear a conceituação ontológica por ele exigida, bem como suas derivações necessárias. A universalidade do conceito de ser não contradiz a "especialidade" da investigação, qual seja, a de encaminhar-se, seguindo a interpretação especial de um ente determinado, a presença [Dasein]. É na presença [Dasein] que se há de encontrar o horizonte para a compreensão e possível interpretação do ser. Em si mesma, porém, a presença [Dasein] é "histórica", de maneira que o esclarecimento ontológico próprio deste ente torna-se sempre e necessariamente uma interpretação "referida a fatos históricos". (HEIDEGGER, 2008, p. 79/39; nossa ênfase em negrito)*

Conforme explicitado logo na introdução deste trabalho, existem alguns desdobramentos possíveis desta investigação. O abandono do paradigma *sujeito-objeto* é um deles. Na esteira desta mudança, abre-se a possibilidade de se discutir um “novo início” para apreciação da dimensão ética da Bioética, aplicada que é às questões impostas pelo progresso biomédico. Afinal, consideramos, como Heidegger (2000b, p. 49), que toda pesquisa científica, como é a *Bioética*, delimita uma região do ente para sua investigação. Este domínio deve estar previamente “des-coberto” por um entendimento do *ser*, mesmo que este entendimento (ou como Heidegger denomina, essa interpretação do ente) seja ingênua e rudimentar. Isso se dá, pois em lugar de elaborar considerações fundamentais sobre a “natureza” de seu domínio de investigação, o pesquisador se interessa diretamente sobre “objetos” que o povoam. Esta aspiração por “resultados” positivos é um sinal distintivo do espírito científico. Uma lógica produtiva estabelece, por assim dizer, uma *ontologia regional*, elaborada para examinar o ente, onde os métodos científicos não têm por missão explorar o *ser do ente*. Sob a tutela desta lógica, na Bioética, parte-se de uma determinada compreensão do que seja *ser-médico*, e passa-se a investigar profundamente o “como deve agir”, sem antes saber, com clareza, o *sentido-do-ser-médico*. Infinitos trabalhos e pesquisas procuram explorar dilemas e conflitos em busca de soluções, respostas ou, quando reconhecem sua ingenuidade, apenas apontamentos. Essa constatação reafirma a necessidade imperativa de uma *ontologia fundamental*

<sup>9</sup> Segundo Magda King (????, p. 6): [...] in Heidegger’s sense, is that from which something is understandable as the thing it is.

que venha a elucidar o *sentido-do-ser-ente*, na ocupação de médico, conforme recapitula esta tese de Heidegger (2008, p.47):

*A questão do ser visa, portanto, às condições a priori de possibilidade não apenas das ciências que pesquisam os entes em suas entidades e que, ao fazê-lo, sempre já se movem numa compreensão de ser. A questão do ser visa às condições de possibilidade das próprias ontologias que antecedem e fundam as ciências ônticas. Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido de ser e não tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental.*

Tomemos um médico na Antiguidade grega, pertencente à escola de Hipócrates. Sem dispor de qualquer dos recursos atuais, tecnologias, clínicas e laboratórios, acervo farmacêutico, procedimentos cirúrgicos e ambulatoriais, escolaridade, e sem outros tantos recursos que nos cercam, ainda assim, desprovido de todas estas "condições", *ser-médico* tinha para ele todo sentido. Ele exercia uma ocupação (*Besorgen*) que guardava, desde já, um claro *sentido-do-ser-médico*. Tanto guardava, que ainda hoje reconhece-se o chamado "juramento de Hipócrates", o juramento que "afirma" o *ser-médico*, como algo a ser pronunciado por cada médico que se forma como tal. Segundo a escola de Hipócrates, *ser-médico* é uma ocupação com fortes pré-requisitos dentre os quais destaca-se a "disposição natural", ou seja, o espontâneo dispôr-se à escuta do chamado do *ser*, que ressoa na abertura do *ái-ser* ao apelo de uma ocupação (*Besorgen*) em especial.

*Aquele que é destinado a adquirir conhecimentos reais em medicina tem necessidade de reunir as condições seguintes: disposição natural, ensino, lugar favorável, instrução desde a infância, amor do trabalho, tempo. Antes de tudo tem necessidade de disposições naturais. Tudo é vão quando a natureza se opõe; mas quando ela põe ela mesma na melhor via, então começa o ensinamento da arte. (extraído do pequeno tratado, "A Lei", um manifesto do perfeito médico dentro do Corpus Hippocraticum, em JOLY, 1964, p. 208-209)*

Poderíamos, com segurança, afirmar que o médico atual tem, como o antigo médico hipocrático, clareza quanto ao *sentido-do-ser-médico*? Certamente seu mundo imediato, circundante, que inclui tudo que o cerca e tudo de que ele dispõe, parecem indicar ele como *sendo-médico*. Mas não será exatamente o contrário que se deve buscar, a exemplo do antigo médico hipocrático? Esta totalidade que cerca o médico atual não deve ser justamente afirmada pelo *ser-médico*, e não o inverso? Primeiro não vem a afirmação *ser-médico*, para conseqüentemente todo este *mundo circundante* então se reafirmar como "mundo-do-médico"? Não é a "textura" do *ser-médico* que constitui sua "con-textura"?

O *sentido-do-ser-médico* é, por conseguinte, algo a ser questionado, interrogado e demandado, segundo as três dimensões de uma questão digna de ser pensada como esta. Este sentido se re-colhe na abertura do *ái-ser-médico*, em sua constituição fundamental de *ser-em-mundo*, segundo a ocupação de médico. Nesta "clareira de ser" em que se é médico, na textura de *ser-médico*, se fazem surgir outros entes, segundo diferentes modos de ser, como *ser-à-mão* (instrumentos) e co-presença (pessoas), ou seja, a devida "con-textura" de *ser-médico*. Parcialmente parafraseando Marcia Schuback - em suas notas de tradução de Ser e Tempo (2008, p. 564) sobre o termo *Besorgen* (ocupação) - podemos dizer que o *ái-ser-médico* não sendo uma substância, mas um acontecimento (*Ereignis*), sempre se dá no exercício da *praxis* médica. Exercício, neste caso, indica e cumpre um centro irradiador de relações. Os dois planos em que, predominantemente, se desenvolve o exercício do *ái-ser-médico* promovem relações com modos de ser da existência de um médico, por exemplo: relações com o modo de ser dos entes *à-mão* e relações com os entes dotados também do modo de *ái-ser*.

Dentro deste quadro conceitual, podemos arriscar dizer que o que difere o médico da escola de Hipócrates de um médico atual é sua autenticidade, ou sua propriedade, implícita no entendimento que o antigo médico dispunha do *sentido-do-ser-médico*. Isto porque, de acordo com Heidegger

(2008, p. 86), o ente, no caso o médico, em cujo ser, isto é, sendo, está em jogo o próprio ser, relaciona-se e comporta-se com o seu ser, como sua possibilidade mais própria. A impropriedade, ou a inautenticidade, se insinua na medida que *sendo-médico*, deixa de se relacionar e se comportar com o seu ser, como sua possibilidade mais própria. Na impropriedade de *ser-médico*, no acontecimento *ser-médico*, não mais se tem um centro irradiador de relações mas um polo de ressonância de uma “impessoalidade”, de um “a-gente” (*das Man*), de uma “comum-unidade médica”, com suas técnicas, saberes, práticas e normas éticas, profissionais e comerciais. O *sentido-de-ser-médico*, neste caso, perde-se totalmente na dissolução do *aí-ser-médico* no modo de ser dos outros da *comum-unidade médica* ou, dito de modo mais simples, na impessoalidade da comunidade médica.

Mas o que poderia garantir que a mesma “impropriedade” (inautenticidade) não se desse na medicina antiga? A resposta está no entendimento filosófico então predominante de um eixo ortogonal de virtude (de *vir* = retidão) e excelência sempre à disposição do “*ser*” humano. A “morada do ser”, como denomina Heidegger, o *êthos*, é capaz de responder e pro-ver aos níveis de desvelamento, alcançando toda sua plenitude ou autenticidade quando atendido todos os níveis de *aletheuein* simultaneamente. Esses níveis de desvelamento são descritos, por Aristóteles, tanto no início do Livro I da *Metafísica*, quanto na *Ética a Nicômaco* (VI, 3), de modo ligeiramente diferente, de acordo com o propósito de cada escrito. Tomemos a versão da *Ética a Nicômaco*, como eles são traduzidos por Heidegger em seu curso sobre o *Sofista* de Platão (2012, p. 21-22):

*Cinco são os modos, portanto, nos quais o ser-aí humano descerra o ente como atribuição e negação. E esses modos são: saber-fazer [techne = técnica]— na ocupação, na manipulação, na produção —, ciência [episteme = conhecimento], circunvisão [phronesis = prudência] — inteligência —, compreensão [sophia = sabedoria], suposição apreendedora [noûs = inteligência].*

A medicina, enquanto uma das artes *technai* da antiguidade grega, representava para um médico hipocrático um modo de desvelamento. Ou seja, não uma técnica no sentido moderno, explorador, mas um modo de *desvelamento*, de des-encobrimento *do que é, do que vige*, na produção (*poiesis*) da cura. A *techne* cumpre, neste caso, aquela forma de des-encobrimento que deve orientar toda e qualquer *poiesis*, entendida como reza a sentença do Banquete (205b) de Platão, traduzida por Heidegger (2002b, p. 16): “Todo deixar-viger o que passa e procede do não-vigente para a vigência é *poiesis*, é pro-dução”. É desta maneira também, que Gadamer (1998, p. 44) entende que o conceito grego de *techne* na *iatrike* (medicina antiga) não designava a aplicação produtiva de um saber teórico, mas a arte (*techne*) que entende o que fazer e como fazer, e, deste modo, mais que tudo, um “*ser o que se faz*”. A *techne* é esta arte de *desvelar* que, posta no contexto de uma pro-dução, representa um certo saber-fazer seguro dele mesmo. Este saber-fazer é de pronto ligado a um poder de pro-duzir e nasce desta ligação. Mas este poder de pro-duzir, por sua vez, é um poder perfeito que sabe, e sabe igualmente porque ele sabe. É também de pronto constitutivo deste saber-fazer estar ciente que há um *ergon*, uma obra, que dele emerge para ser, de alguma maneira, despossuída do ato de pro-dução. Pois o processo de pro-dução encontra sua completude no fato que um objeto é pro-duzido, quer dizer lançado ao uso dos outros. Neste quadro conceitual da *techne*, a arte médica ocupa um lugar aparte, pois nenhuma obra artificial se pro-duz.

*A arte medical, em sua essência, se define todavia pelo fato que seu poder de produzir é poder de re-estabelecer. [...] O que é produzido então não é uma obra, um ergon, algo que viria a ser e faria demonstração de um saber fazer. É o re-estabelecimento do doente do qual é impossível dizer se se deve atribuir seu sucesso à ciência ou ao saber-fazer do médico. Um homem em boa saúde não é um homem a quem se teria produzido uma saúde.” (ibid., p. 44)*

E quanto aos demais níveis de *desvelamento* que mencionamos? Acima da *techne*, entre os gregos, outro nível de desvelamento devia atendê-la, sustentá-la e orientá-la, algo mais que o *saber-fazer*, o conhecimento, a *episteme* devia ser afirmada e sobre-imposta à *techne*. O que hoje em dia se

denomina ciência, e tem muito pouco a ver com a *episteme* grega (de Castro, 2016). Como afirma Heidegger (2002b, p. 17):

*A techne ocorre, desde cedo até o tempo de Platão, juntamente com a episteme. Ambas são palavras para o conhecimento em seu sentido mais amplo. Dizem ser versado em alguma coisa, dizem entender do assunto. O conhecimento provoca abertura. Abrindo, o conhecimento é um desencobrimento. Numa meditação especial, Aristóteles distingue episteme de techne e justamente no tocante àquilo que ao modo em que ambas desencobrem. A techne é uma forma de aletheuein. Ela des-encobre o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá e propõe, podendo assim apresentar-se e sair, ora num, ora em outro perfil. [...] O decisivo da techne não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação de meios mas no desencobrimento mencionado. É neste desencobrimento e não na elaboração que a techne se constitui e cumpre em uma pro-dução.*

Ao longo desta ortogonalidade, eixo constitutivo da autenticidade de um *aí-ser*, ou seja, responsável por sua excelência (*arete*), deve-se atentar, respeitar e sempre buscar nos atos e fatos humanos, nos acontecimentos (*Ereignis*), a virtude que originária da inteligência (*noûs*) percorre e permeia todos os níveis descendentes até a arte (*techne*). E é assim que os níveis seguintes, *phronesis* e *sophia*, na ordem ascendente acima da *techne* e da *episteme*, cumprem sua competência de desencobrimento ainda maior e melhor. A *phronesis* (circunvisão, sabedoria prática, ou prudência) oferece o necessário para a devida e justa regência da *praxis*, no pleno sentido que demos acima ao termo original grego. Ou seja, segundo Taminiaux (1995, p. 150), como atividade que reúne indivíduos no compartilhar de palavras e atos que concernem seu *ser-em-reunião*, e no exercício e expressão de todas as virtudes que este compartilhar supõe.

Assim, na total completude do desvelamento possível ao *ser* humano, a sabedoria (*sophia*), ou como prefere Heidegger a “suposição apreendedora”, justamente perfaz de um acontecimento qualquer, um acontecimento apropriador (tradução mais íntegra de *Ereignis*). A plenitude do *ser-médico*, em qualquer acontecimento médico, se mostra e se demonstra no evento humano na condição de aceitação total de sua finitude em participação na verdade do ser.

O último nível de desvelamento (*noûs*) permeia todos os demais níveis, como a própria origem e como o próprio eixo desta ortogonalidade ou retidão (*vir*) que deve reger o fazer (*poiesis*) e o agir (*praxis*) humanos, e que assim atravessa qualquer facticidade do *ser-aí*, como possibilidade permanente de escolha entre ser autêntico ou inautêntico, próprio ou impróprio (*Eigentlichkeit/Uneigentlichkeit*). É nesta perspectiva, no que denomina “morada do ser”, na base e fundação desde ortogonalidade, que Heidegger encontra o *êthos*, o caráter do homem, o poder de *ser-si-mesmo*, em qualquer ocupação (*Besorgen*). Dito de outro modo, como fizemos em nota acima, na ocupação está o poder de ser, ao mesmo tempo, o que se faz, em que se faz, com que se faz, como se faz e porque se faz.

Eis a direção que se espera à resposta da *questão do sentido-de-ser-médico*, se conseguirmos sustentar esta questão consoante a tudo que foi exposto até aqui, buscando acesso a esta resposta através de uma *ontologia fundamental* proposta por Heidegger e da antiga filosofia grega, no tocante ao que desvendou sobre *êthos*, *arete* e *aletheuein*, entendemos que há uma contribuição distinta para a ética médica. O *ser-aí-médico* é o ente que vai nos proporcionar de forma concreta, e não puramente especulativa, o exame da *questão do sentido-de-ser-médico*. Sua condição privilegiada - em total intimidade com o *ser* - nos oferece a possibilidade de ver além do médico, do paciente e seus familiares, das tecnologias, dos laboratórios, das clínicas, dos hospitais, dos outros da *comunidade* médica, este *AI*, esta situação, esta “clareira do ser”, **em que** tudo isto **é**, **com que** tudo isto se conhece, e **de que** tudo isto se dá.

## CONCLUSÃO

O leitor desatento pode nos acusar de não lhe conferir uma resposta para nossa questão. Nossa resposta é que, em se tratando de uma investigação de natureza filosófica, em nenhum momento

procuramos respostas, apenas apontamentos, notas sobre o nosso tema. Isso não significa que andamos em círculo, como garante Heidegger (2008, p. 43), mas cientemente nos situamos no *ser*, centrados em meio a um círculo, buscando o aberto de onde se originam as dimensões da questão, e sua possível clarificação na própria circulação centrada no *ser-aí-médico*. O esforço demandado contraria toda uma vertente lógica de proposições situadas e condicionadas por um olhar dominado pelo paradigma sujeito-objeto. Os resultados científicos e técnicos deste olhar são admiráveis. O mesmo é questionável do ponto de vista de *ser humano*.

Apostamos, como certamente o faz a filosofia desde sua origem grega, no poder do discurso bem articulado, segundo uma matriz de pensamento que se impõe por suas possibilidades de repensar o *ser humano*. Comungamos com Heidegger quanto à necessidade de um “novo início”, retomando as questões abertas pelo pensamento grego que fundamentou o pensamento ocidental. Para além de todo receituário produzido pelas éticas modernas, nosso propósito é uma apropriação, um tornar próprio ao horizonte da ética e da Bioética a *questão do sentido-do-ser-médico*. Uma apropriação que vai se valer tanto da negatividade das críticas ao que vem se desdobrando segundo a Razão Moderna, tanto da positividade de uma proposta de um novo paradigma para se acessar e se pensar as indagações mais fundamentais da Bioética.

Reafirmando tudo até aqui dito, podemos resumir este trabalho a partir de um ditado popular: “o hábito não faz o monge”. Transposto para nossa investigação, podemos até caricaturar o ditado como “o jaleco branco não faz o médico”. Não estaremos em nada nos aproximando do *ser-médico*, por mais capas que se ponham por sobre este personagem maior, que em seu papel (seus hábitos) deve ser fenomenologicamente entendido como uma ocupação do *ser-o-aí (Dasein)*, neste caso, o que denominamos o *ser-o-aí-médico*. Se intentamos repensar a *Bioética* em seu eixo principal, a *Ética*, é indispensável não saltar sobre este *Aí*, sobre esta abertura do ser, como se já plenamente conhecida em sua doação, em sua *praxis*. É justamente neste *Aí*, nesta abertura que se situa o *êthos*, enquanto “morada do ser”, que justifica e vem a constituir e a instituir qualquer iniciativa dentro do que comumente chamamos *Ética*. A condição de possibilidade de uma *paideia* do *ser-médico* está na ressonância deste discurso que convida a repensar o *ser humano* em uma de suas mais nobres ocupações.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Tradução, prefácio e notas de António de Castro. Lisboa: Quetzal Editores, 2012.
- ARISTÓTELES, *Metafísica*. Introdução, tradução e notas de Tomás Calvo Martínez. Madrid: Gredos, 1994.
- ARJAKOVSKY, P., FÉDIER, F. & FRANCE-LEONARD, H. (org.). *Le Dictionnaire Martin Heidegger*. Paris: CERF, 2013.
- AUBENQUE, P. *La prudence chez Aristote*. Paris: PUF, 1997.
- DE LIBERA, Alain. *Arqueologia do Sujeito. Nascimento do Sujeito*. São Paulo: FAP-UNIFESP, 2013.
- DURAND, G. *Éthique (bio-)*. Les Notions philosophiques, Tome II. Paris: PUF, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GADAMER, Hans-Georg, *Philosophie de la santé*. Paris: Grasset-Mollat, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. *Being and Time*. Translated by John Macquarrie & Edward Robinson. New York: Harper & Row Publishers, 2008.

- \_\_\_\_\_. Ser e Tempo. Trad. Fausto Castilho. São Paulo: UNICAMP, 2012.
- \_\_\_\_\_. Heráclito. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- \_\_\_\_\_. The Question Concerning Technology and Other Essays. Tr. William Lovitt. San Francisco: Harper, 1977.
- \_\_\_\_\_. History of the Concept of Time. Prolegomena. Tr. by Theodore Kisiel. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. Caminhos de Floresta. Coordenação da Tradução Irene Borges-Duarte. Lisboa: Fundação Calouste, 2002a.
- \_\_\_\_\_. “A questão da técnica”, in Ensaio e Conferências. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 2002b.
- \_\_\_\_\_. Ser e Tempo. Trad. Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.
- \_\_\_\_\_. A essência da liberdade humana: introdução à filosofia. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: ViaVerita, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JOLY, Robert, Hippocrate. Médecine grecque. Paris: Gallimard, 1964.
- SINGER, P. Ética Prática. Lisboa: Grandiva, 2000
- TAMINIAUX, Jacques. Lectures de l'ontologie fondamentale. Essais sur Heidegger. Grenoble: Millon, 1995.
- VAN HOOFF, Anton. From Autothanasia to Suicide - Self-killing in Classical Antiquity. London: Routledge, 1990.
- ZIMMERMAN, Michael E. *Eclipse of the Self*. Athens: Ohio University Press, 1982.

---

**Contato:**

Nome: João Cardoso de Castro

e-mail: [joaocastro@unifeso.edu.br](mailto:joaocastro@unifeso.edu.br)